

XL

QUEM SEMEIA COLHERÁ

Não sabia explicar a grande atração pela visita ao departamento feminino das Camaras de Retificação. Falei à Narcisa, do meu desejo, prontificando-se ela a satisfazer-me.

— Quando o Pai nos convoca a determinado lugar — disse, bondosa — é que lá nos aguarda alguma tarefa. Cada situação, na vida, tem finalidade definida... Não deixe de observar este princípio em suas visitas aparentemente casuais. Desde que nossos pensamentos visem a prática do bem, não será difícil identificar as sugestões divinas.

No mesmo dia, a enfermeira acompanhou-me, à procura de Nemésia, prestigiosa cooperadora naquele setor de serviço.

Não foi difícil encontrá-la.

Filas de leitos muito alvos e bem cuidados exibiam mulheres, que mais se assemelhavam a frangalhos humanos. Aqui e ali, gemidos jacintantes. Acolá, angustiosas exclamações. Nemésia, que se caracterizava pela mesma generosidade de Narcisa, falou com bondade:

— O amigo deve estar agora habituado a estes cenários. No departamento masculino a situação é quase a mesma.

E, fazendo um gesto significativo à companheira, acentuou:

— Narcisa, faça o obsequio de acompanhar nosso

irmão e mostrar os serviços que julgar convenientes ao aprendizado dele. Fiquem à vontade.

Minha amiga e eu comentavamos a vaidade humana, sempre atida aos prazeres físicos, enumerando observações e ensinamentos, quando atingimos o Pavilhão 7. Localizavam-se ali algumas dezenas de mulheres, em leitos separados, um a um, a regular distância.

Estudava eu a fisionomia das enfermas, quando fixei alguém que me despertou mais viva atenção. Quem seria aquela mulher amargurada, de apariência original? Velhice que parecia prematura, tipificava-lhe o semblante, em cujos lábios pairava um ricto, misto de ironia e resignação. Os olhos, embacados e tristes, mostravam-se defeituosos. Memória inquieta, coração oprimido, em poucos instantes localizei-a no passado. Era Elisa. Aquela mesma Elisa que conhecera nos tempos de rapaz. Estava modificada pelo sofrimento, mas não podia ter quaisquer dúvidas. Lembrei, perfeitamente, o dia em que ela, humilde, penetrava em nossa casa levada por velha amiga de minha mãe, que aceitou as recomendações trazidas, admitindo-a para os serviços domésticos. A princípio, o ritmo comum, nada de extraordinário; depois, a intimidade excessiva, de quem abusa da faculdade de mandar e leviana, e, quando a sós comigo, comentava sem escrúpulo certas aventuras da sua mocidade, agravando com isso a irreflexão de nossos pensamentos. Recordei o dia em que minha progenitora me chamou a conselhos justos. Aquela intimidade, dizia, não ficava bem. Era razoável que dispensássemos à serva generosidade afetuosa, mas convinha pautar nossas relações com sadio criterio. Entretanto, estouvadamente, levava eu muito longe a nossa camaradagem. Sob enorme angústia moral, abandonou Elisa, mais tarde, a nossa casa, sem coragem de me lançar em rosto qualquer acusação. E o tempo passou, reduzindo o fato, em meu pensamento, a episódio fortuito da existência humana. No entanto, o episódio, como alguma cousa da vida, estava também vivo. A' minha frente tinha Elisa agora, vencida e humilhada! Por onde vivera a misera criatura, tão cedo atirada a doloroso

capítulo de sofrimentos? Donde vinha? Ah!... naquele caso, não me defrontava o Silveira, perto de quem pudera repartir o débito com meu pai. A dívida agora era inteiramente minha. Cheguei a tremer, envergonhado da exumação daquelas reminiscências, mas, quer a criança ansiosa de perdão pelas faltas cometidas, dirigi-me à Narcisa, pedindo orientação. Eu mesmo me admirava da confiança que aquelas santas mulheres me inspiravam. Talvez nunca tivesse coragem de pedir ao Ministro Clarence as elucidações que pedira à mãe de Lírias e, possivelmente, outra seria minha conduta naquele instante, se tivesse Tobias a meu lado. Considerando que a mulher generosa e cristã é sempre mãe, voltei-me para a enfermeira, confiando mais que nunca a Narcisa, pelo olhar que me endereçou, parecia tudo compreender. Conheci a falar, contendo o pranto, mas, a certa altura da confissão penosa, minha amiga obteve:

— Não precisa continuar. Adivinhou o epílogo da história. Não se entregue a pensamentos destrutivos. Conheço o seu martírio moral, de experiência própria. Entretanto, se o Senhor permitiu que reencontrasse agora esta irmã, é que já o considera em condições de resgatar a dívida.

Vendo a minha indecisão, prosseguiu:

— Não tema. Aproxime-se dela e reconforte-a. Todos nós, meu irmão, encontramos no caminho os frutos do bem ou do mal que semeámos. Esta afirmativa não é frase doutrinária, é realidade universal. Tenho colhido muito proveito de situações iguais a esta. Bem-aventurados os devedores em condições de pagar.

E percebendo-me a resolução firme de empreender o necessário ajuste de contas, acentuou:

— Vamos, mas não se dê a conhecer, por enquanto. Faça-o, depois de beneficiá-la com êxito. Isso não será difícil, pelo fato de continuar ela em cegueira quase completa, temporariamente. Pelas fôrgas que a envolvem, noto-lhe a triste característica das mães fracassadas e das mulheres de ninguém.

Aproximamo-nos. Tomei a iniciativa da palavra

confortadora. Elisa identificou-me, dando o próprio nome e prestando, de boa vontade, outras informações. Havia três meses que fôra recolhida às Camaras de Ictiferação. Intercassado em castigar a mim mesmo, diante de Narcisa, para que a ligão me penetrasse na alma com caracteres indeléveis, perguntei:

— E sua história, Elisa? Deve ter sofrido muito...

Sentindo a inflexão afetuosa da pergunta, sorriu muito resignada e desabafou:

— Para que lembrar coisas tão tristes?

— As experiências dolorosas ensinam sempre — objetei.

A infeliz, que apresentava profunda modificação moral, meditou alguns momentos, como quem concatenava idéias, e falou:

— Minha experiência foi a de todas as mulheres douvidanas que trocam o pão bendito do trabalho pelo fôl venenoso da ilusão. Nos tempos da mocidade distante, como filha dum lar paupéríssimo, vali-me do emprego em casa de abastado comerciante, onde a vida me impôs imensa transformação. Esse negociante tinha um filho, tão jovem quanto eu, e depois da intimidade estabelecida entre nós, quando toda a reação de minha parte seria inutil, esqueci criminosamente que Deus reserva o trabalho a todos que amem a vida só, por mais faltosos que tenham sido, e entreguei-me a experiências dolorosas, que não preciso comentar. Conheci, de perto, o prazer, o luxo, o conforto material e, de seguida, o horror de mim mesma, a sífilis, o hospital, o abandono de todos, as tremendas desilusões que culminaram na cegueira e na morte do corpo. Errei, muito tempo, em terrível desespero, mas, um dia, tanto roguel o amparo da Virgem de Nazaré, que, mensageiros do bem me recolheram por amor ao seu nome, trazendo-me a esta casa de abençoada consolação.

Comovidíssimo até às lagrimas, perguntei:

— E ele? Como se chama o homem que a fez tão infeliz?

Ouvia-a, então, pronunciar meu nome e o de meus pais.

— E você o odeia? — indaguei acabrunhado.

Ela sorriu tristemente e respondeu:

— No período do meu sofrimento anterior, amaldiçoava-lhe a lembrança, nutrindo por ele um ódio mortal; mas a irmã Nemesia modificou-me. Para odiá-lo, tenho de odiar a mim mesma. No meu caso, a culpa deve ser repartida. Não devo, pois, recriminar a ninguém.

Aquela humildade sensibilizou-me. Tomei-lhe a destra sobre a qual, sem que o pudesse evitar, rolou uma lagrima de arrependimento e remorso.

— Ouça, minha amiga — falei com emoção forte — também eu me chamo André e preciso ajudá-la. Conte comigo doravante.

— E sua voz — disse Elisa, ingenuamente — parece a dele.

— Pois bem — continuei comovido — até agora, não tenho propriamente uma família em "Nosso Lar". Mas você será aqui minha irmã do coração. Conte com o meu devotamento de amigo.

No semblante da sofredora, um grande sorriso parecia uma grande luz.

— Como lhe sou grata! — disse ela enxugando as lagrimas — ha quantos anos ninguem me fala assim, nesse tom familiar, dando-me o consolo da amizade sincera!... Que Jesus o abençoe.

Nesse instante, quando minhas lagrimas se fizeram mais abundantes, Narcisa tomou-me as mãos, maternalmente, e repetiu:

— Que Jesus o abençoe.

XLI

CONVOCADOS À LUTA

Nos primeiros dias de setembro de 1939, "Nosso Lar" sofreu, igualmente, o choque por que passaram diversas colônias espirituais, ligadas à civilização americana. Era a guerra europeia, tão destruidora nos círculos da carne, quão perturbadora no plano do espírito. Entidades numerosas comentavam os empreendimentos bôlicos em perspectiva, sem disfarçarem o imenso terror de que se possuam.

Sabia-se, desde muito, que as Grandes Fraternidades do Oriente suportavam as vibrações antagônicas da nação japonesa, experimentando dificuldades de vulto. Anotava, porém, agora, fatos curiosos de alto rango educativo. Assim como os nobres círculos espirituais da velha Ásia lutavam em silêncio, preparava-se "Nosso Lar" para o mesmo gênero de serviço. Além de valiosas recomendações, no campo da fraternidade e da simpatia, determinou o Governador tivessemos cuidado na esfera do pensamento, preservando-nos de qualquer inclinação menos digna, de ordem sentimental.

Reconheci que os espíritos superiores, nessas circunstâncias, passam a considerar as nações agressoras não como inimigas, mas como desordeiras e cuja atividade criminosa é imprescindível reprimir.

— Infelizes dos povos que se embriaguem com o vinho do mal — disse-me Salustio — ainda que consigam vitórias temporárias, elas servirão sómente para lhes agravar a ruina, acentuando-lhes as derrotas fatais.